

NA TERRA DOS BONECOS CARECAS

IN THE LAND OF BALD DOLLS

EN LA TIERRA DE LAS MUÑECAS CALVAS

Janildes Almeida Chagas Magno ¹

- Droga de choro!

Um dia para, é tanta lágrima, tanto som, que na hora tudo se mistura e acaba virando um só: agonia e desespero.

Quando a gente brinca de boneca, a gente sempre pensa numa família feliz, mesmo que a nossa não seja. Nunca tive uma boneca de cabelo, tinha o boneco carequinha, aquele que a gente ganhava lá da igreja no Dia das Crianças e no Natal. Eles sempre dão, faz bem para eles e para nós também, nos faz sonhar: sonhar com boneca de cabelo, daquela que faz tranças, fecha e abre o olho.

Quando recebia meu boneco careca, pensava que, no próximo ano, o que eu pedia ia virar realidade: A boneca de cabelo.

Nunca veio.

Lá vem o choro, não consigo controlar...

- Droga de choro!

Cresci com meus irmãos e meus pais, pouco com meu pai, que morreu cedo, dizem que foi a cachaça que levou ele, mas sempre digo que ele se levou, aceitou o pedido da morte. Ficou eu e minha mãe, porque meus quatro irmãos foram embora logo cedo para trabalhar, mão de gente não precisa manutenção, né? Pros donos de fazenda, é melhor gente que trabalha até se dar fim - a fome fabrica colheitadeira a cada segundo.

¹ Mulher negra nascida na periferia de Salvador. Mestranda em Ensino, Linguagem e Sociedade pela Universidade do Estado da Bahia. Professora na Rede Estadual de Educação da Bahia. Especialista em Educação, Pobreza e Desigualdade Social pela Universidade Federal da Bahia.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1247-1929> Contato: janildeschagas@gmail.com

Se meus irmãos pudessem escolher, ficariam para crescer no tempo certo, mas pobre não tem disso, não! A gente já é *botado* para crescer desde que se mete a nascer, para nós só resta sobreviver e, pra quem tem sorte, basta acordar todos os dias.

Eu, com meus bonecos carecas e meus irmãos com seus carrinhos de plástico...

Não aguento esse choro...

- Droga de choro!

Eu tinha 14 anos, quando conheci o Daniel, como eu, como todos da nossa comunidade, a nossa infância era brincar com o que nos dava, a gente vivia o sonho doado.

Começamos a namorar, fiquei apaixonada, não sabia o que era bem isso, mas acho que fiquei...

Alguém faz esse choro parar?

Por favor...

Não demorou muito para que, entre nós, tudo ficasse mais real e menos cruel, já que eu, com 14 anos, não podia mais receber os bonecos carecas das doações. Para mim, o tempo, aquele que se chama infância, já tinha passado ou talvez nem tenha existido.

Na Escola, cada letra que a professora colocava no quadro aparecia para mim como uma figura diferente, não é que não entendia as letras, só ficava procurando entre elas a explicação do porquê, para gente, só vinham bonecos carecas. Para meus irmãos, os carros de plástico. Por que sonhar era tão terrível?

Daniel e eu acreditávamos que nada poderia atingir a gente, se não tinha nada mesmo, para quê preocupar? Na terra dos bonecos carecas, a esperança não vinga, só adoece.

Fiz 15 anos e Daniel, 17.

Daniel foi embora, pegou o ônibus para as fazendas nas Gerais, foi trabalhar na colheita de café. Ele disse que vai voltar. Mais um boneco careca para eu guardar.

- Para de chorar, menina!

Um mês depois que comecei a namorar, eu engravidei.

- Para de chorar, Marina, minha menina...

Eu pensei que finalmente teria a família das minhas brincadeiras, ainda guardo os meus bonecos carecas, nunca os darei a Marina, nunca deixarei que ela os veja, os sintam, os toque

- Sonhe com os cabelos.

- Chora, não, Marina! Mãe vai te amamentar.

Faz 06 meses que Daniel se foi.

Ele não voltou.

Minha mãe morreu. Os médicos disseram que foi o coração. Eu tenho certeza que foi o estômago vazio. Se tem doença para isso, talvez o nome seja miséria e não infarto!

E eu? Fiquei. Podia ter ido...

Estou assim, assim - sem chuva, sem planta, sem raiz, só pele e osso, só silêncio e choro.

Me sinto entorpecida.

Tudo tão parado.

Quero ele de volta...

O som.

O choro parou.

Como meus bonecos carecas, Marina, minha menina, não se mexe, não come, não tem cabelos, não fecha os olhos, tá dura.

Coloquei ela lá, enroladinha, junto com meus bonecos.

E eu, sentada na porta de casa, espero a hora de me juntar a eles.

Do lugar onde se chora, onde a esperança só brinca de faz de conta.

Na terra dos bonecos carecas.

Manuscrito recebido em: 14 de abril de 2022.

Aprovado em: 25 de abril de 2022.

Publicado em: 01 de junho de 2022.

Resumo

O conto Na terra dos Bonecos Carecas aborda a pobreza e suas vivências na figura da personagem principal, a narrativa se desenrola em algum lugar do sertão brasileiro. A metáfora dos bonecos carecas é trazida, para produzir o estranhamento e também a familiaridade com os objetos de brincar mais comuns das classes menos favorecidas. A vida é questionada, ao mesmo tempo em que a morte se torna algo comum e esperado para quem se sente sem chuva, sem planta, sem raiz, só pele e osso, só silêncio e choro.

Palavras-chave: Sertão; Pobreza; Literatura; Fome; Artes.

Abstract

The short story *Na terra dos Bonecos Carecas* addresses poverty and its experiences in the figure of the main character, the narrative unfolds somewhere in the Brazilian dry land. The metaphor of bald dolls is brought in, to produce the strangeness and also the familiarity with the most common toy objects of the poverty-stricken classes. Life is questioned, at the same time that death becomes something common and expected for those who feel without rain, without plants, without roots, only skin and bones, only silence and crying.

Keywords: Sertão; Poverty; Literature; Hunger; Arts.

Resumen

El cuento *Na terra dos Bonecos Carecas* aborda la pobreza y sus vivencias en la figura del personaje principal, la narración se desarrolla en algún lugar del interior brasileño. Se introduce la metáfora de las muñecas calvas, para producir la extrañeza y también la familiaridad con los objetos de juguete más comunes de las clases menos favorecidas. La vida es cuestionada, al mismo tiempo que la muerte se vuelve algo común y esperado para quienes se sienten sin lluvia, sin plantas, sin raíces, solo piel y huesos, solo silencio y llanto.

Palabras clave: Sertón; Pobreza; Literatura; Hambre; Arte.